

Teatro online

Agora no contexto da pandemia, Diogo Vilela encarna, pela terceira vez, Cauby Peixoto, morto há quatro anos

Reencontro marcado

DALTON VALÉRIO/DIVULGAÇÃO

■ PATRÍCIA CASSESSE

A imposição do isolamento social em função do avanço do coronavírus no Brasil promoveu um reencontro artístico potente (para usar uma palavra da moda) na vida do ator Diogo Vilela. Hoje, ele volta a assumir as vestes de um dos grandes ícones da música brasileira – ninguém menos que Cauby Peixoto (1931-2016). Adaptação do musical “Cauby, Cauby” pensada especialmente para os tempos de pandemia, o inédito “Cauby, uma Paixão” será transmitido online, ao vivo, a partir das 20h30, diretamente do palco do Teatro Claro Rio. O espetáculo, que integra o projeto Palco Instituto Unimed-BH em Casa, poderá ser acessado no YouTube, pelos canais do Sesc em Minas e do Teatro Claro Rio e pelo Canal 500 da Claro TV.

Toda essa história de admiração e carinho, vale lembrar, começou em julho de 2006, quando Vilela estreou, no Rio de Janeiro, o espetáculo “Cauby, Cauby”. A época, o ator já frequentava aulas de canto, e um dia percebeu que seu timbre e extensão vocal guardavam similaridades com os do cantor. Junto a Flávio Marinho, que assinou texto e direção, partiu para a empreitada que, vale dizer, foi abalada pelo homenageado: Cauby assistiu à montagem, deu discos e até roupas ao ator, além de, cerca de dez anos depois, ter dado o sinal verde para uma eventual remontagem. “Cauby, Cauby: Uma Lembrança”, porém, só estreou em 2018 – e, portanto, Cauby já havia falecido.

A versão que o público de todo o país poderá conferir hoje surgiu de uma coincidência. Antes da quarentena, Vilela estava vivendo um momento profissional particularmente feliz, com o espetáculo “A Verdade”, texto do francês Florian Zeller, com direção de Marcos Alvisi, em cartaz em São Paulo, com elogios da crítica e anuência do público. Com a ameaça da Covid-19, ele, como vários operários das artes país afora, teve que cerrar as cortinas e se recolher. Mas, como costuma acontecer com aqueles que são artistas na acepção do termo, o delongar da situação acabou por fazer o ator



Paixão. A montagem no formato online foi ideia do próprio ator Diogo Vilela, com o intuito de contribuir para o teatro durante a pandemia

carioca, hoje com 62 anos, sentir o comichão de voltar, de alguma forma, ao território do teatro. De súbito, ocorreu-lhe a interpretação de Cauby. “Pensei: ‘Como faço aulas de canto há 25 anos, bom, minha voz está legal’. Fiz contato com a pianista (e diretora musical da empreitada) Liliane Secco, e ela falou: ‘Ah, eu também queria (retomar, de alguma forma, o projeto)’. E, de repente, aconteceu de um produtor perguntar se eu gostaria de fazer uma live com o repertório do musical. Nós achamos coincidência demais, e aqui está o show. Esta-

mas trabalhando nele há dois meses, o Flávio Marinho fez uma adaptação de frases e declarações do Cauby, criamos um texto, e virou isso. Espero que as pessoas gostem”, diz ele, ao **Magazine**.

No palco, Diogo Vilela estará acompanhado em cena pela diretora musical Liliane Secco e pelo saxofonista Fernando Trocado. Todas as medidas necessárias para a segurança dos envolvidos foram tomadas, segundo os protocolos sugeridos pelas autoridades sanitárias. Os figurinos são de Ronald Teixeira, e a luz, de Daniela Sanchez.

“Cauby, uma Paixão”

Transmissão. A apresentação acontece hoje, às 20h30, ao vivo, pelos canais no YouTube do Sesc em Minas e do Teatro Claro Rio, além do Canal 500 da Claro TV. A iniciativa contará com tradução de Libras e audiodescrição, para garantir o acesso das pessoas com deficiências auditivas e visuais.

Repertório

Vilela opina na seleção musical do espetáculo

No que tange às músicas do espetáculo “Cauby, uma Paixão”, duas foram acrescentadas, e uma, tirada. “Tem um momento que fala da fase da bossa nova, período no qual Cauby Peixoto ficou de certa forma no ostracismo, porque ele era um cantor superlativo, e a bossa nova, mais minimalista. Então, a gente resolveu tirar ‘A Felicidade’, e entraram ‘Eu e a Brisa’ e ‘Dindi’, para representar esse momento”. Ao todo, são 15 músicas. Mas Vilela faz uma ressalva. “Querida dizer que não sou um cantor, e sim um ator-intérprete, um ator que canta. E, como tinha já domínio (deste universo referente a Cauby), me senti mais seguro”, explica.

“Eu e a Brisa” (Johnny Alf), aliás, responde por uma das músicas do repertório do intérprete que tocam mais fundo na alma de Vilela. “Comecei a ouvir Cauby por meio da minha mãe, que, além de cinéfila, era muito musical. Lá em casa ouvia-se muito rádio. E essa música me lembra esse período e também a minha irmã (Délis Monteiro de Barros), que, aliás, morava em Belo Horizonte, e já faleceu. Minha família é mineira. Então, é uma música que me emociona muito, pois mistura-se com a minha vida, as minhas lembranças”, disse o ator.

Diogo Vilela também pode ser visto atualmente na telinha, seja na reprise da novela “Sassaricando” (na pele de Leozinho, para o qual disse ter sido indicado por Ney Latorraca, e que marcou seu debut na seara do humor), seja em “Zorra Total”, experiência que, confessa, vem superando suas expectativas, pela qualidade do texto – ele também não poupa elogios aos colegas de cena, como Marisa Orth e Luísa Périssé (filha de Heloísa Périssé). Ano que vem, deve participar do “Dança dos Famosos”, da TV Globo. (P.C)